

ESCOLHAS LEXICAIS NA ELABORAÇÃO DE ESTILO DE FALA NA LINGUAGEM AFÁSICA

Caio MIRA¹⁰

Resumo: A partir de uma abordagem da noção de estilo sociolinguístico como um fator de distintividade social (IRVINE, 2002), este trabalho objetiva analisar a manipulação de elementos estilísticos envolvidos no processo de construção de um ethos (AMOSSY, 2005; MAINGUENEAU, 2005) de um sujeito afásico em situações conversacionais. Para esta tarefa, utilizaremos o conceito de distintividade (IRVINE, 2002) como o elemento central da noção de estilo. Os dados de nossa análise revelam que a relação entre o estilo de fala e a construção de um ethos também demonstram que traços de personalidade, de conhecimento de regras sociais e pragmáticas envolvidos no uso da linguagem não são apagados nas afasias.

Palavras-chave: Ethos. Estilo. Distintividade. Afasia.

Abstract: *Based on an approach of a concept of sociolinguistic style as a factor of social distinctiveness (IRVINE, 2002), this work analyzes the manipulation of stylistic elements / language involved in the construction process of an ethos (AMOSSY, 2005; MAINGUENEAU, 2005) of an aphasic subject in conversational situations. For this task, we will use the concept of distinctiveness (IRVINE, 2002) as the central element of the concept of style. The data of our analysis show that the relationship between speaking style and the construction of an ethos also show that personality traits, knowledge of social rules and involved in the pragmatic use of language are not deleted in aphasia.*

Keywords: *Ethos. Style. Distinctiveness. Aphasic.*

¹⁰ Docente do Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta) - Jundiaí, São Paulo, Brasil. Pesquisador do Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (COGITES) – UNICAMP/CNPq. Email: caio.mira@anchieta.br

Introdução

O que é estilo para uma mulher? É justamente a partir desta questão, veiculada em um anúncio publicitário, que Judith Irvine se indaga sobre o conceito de estilo no campo de estudos linguísticos. A comparação que a autora faz entre a questão do estilo no mundo da moda e a pluralidade das abordagens desse conceito nos estudos linguísticos revela-se pertinente. Assim como é extremamente subjetivo definir o que é uma pessoa detentora de um estilo estético no modo de se vestir, também não é uma tarefa tão fácil no campo da Linguística encontrar uma definição consensual da noção de estilo.

Apesar da subjetividade em torno da noção de estilo, pretendemos nesse trabalho analisar, a partir do conceito de estilo proposto por Irvine (2002), traços estilísticos presentes na fala de um sujeito afásico. A observação de tais traços na fala desse sujeito nos permite postular a existência de um proeminente processo de construção de um ethos. Dessa forma, então, a questão do estilo adquire novamente mais uma interessante questão: seria possível um sujeito acometido por sérios déficits de produção linguística apresentar traços estilísticos em sua fala que possam revelar um processo de construção de um ethos? A fim de responder a essa questão, nosso objetivo, a partir da análise de alguns dados, é o de oferecer contribuições para um maior entendimento da relação entre estilo de fala e construção de um ethos nas afasias.

A noção de estilo e de ethos

Nesta seção, apresentaremos, brevemente, os principais pontos do desenvolvimento dos estudos em torno do conceito de estilo, considerando as reflexões de autores como Labov (1972), Bell (2002), Maingueneau (2005) e Amossy (2005).

A questão do estilo foi inicialmente objeto de estudos no campo dos estudos literários, em pesquisas que visavam à categorização dos movimentos literários e, conseqüentemente, às características da escrita literária de autores. Entretanto, estudos na área da Sociolinguística têm apontado para uma perspectiva mais ampla da noção de estilo, que ultrapassa as formas de uso da linguagem manipuladas individualmente por um falante. Atualmente, muitos trabalhos no campo da Sociolinguística buscam esclarecer a relação entre uma série de fatores sociais e linguísticos envolvidos no uso da fala e na elaboração de uma imagem pública

exibida, na maioria das vezes, em situações públicas de uso da linguagem. Um exemplo desse novo empreendimento é a coletânea de trabalhos organizados por Eckert e Rickford (2002).

Os trabalhos pioneiros de Labov, na década de 60, podem considerar o marco inicial nos estudos em torno do estilo. As pesquisas labovianas tinham como objetivo primordial entender o fenômeno da variação linguística, e, principalmente, o processo de mudança linguística. Para tal objetivo, Labov desenvolveu uma metodologia de coleta de dados que objetivava obter dos informantes o “vernáculo”, isto é, a fala mais natural e livre de interferências que pudessem comprometer os dados, e, conseqüentemente, os resultados de sua pesquisa. Por meio da análise de dados coletados em entrevistas, Labov detectou que os informantes oscilavam seu estilo de fala em função de inúmeros fatores, dentre eles etnia, familiaridade do entrevistador com o informante e dos tópicos tratados na entrevista sociolinguística. Diante de tal constatação, Labov elabora uma das primeiras conceituações de estilo. Para o autor, o estilo é o grau de atenção dado pelo falante à sua fala. Nessa conceituação, o estilo é vinculado ao grau de atenção consciente que o falante tem de sua própria fala, e a partir dessa monitoração é que ocorre a variação individual e, conseqüentemente, a variação de estilo na fala.

Em suma, Labov concebe sua noção de estilo calcada fundamentalmente em fatores linguísticos, ou seja, o estilo é uma questão de manipulação e monitoramento da linguagem.

Outro autor que se destaca nos estudos em torno da problemática do estilo é Bell (2002). Contrariamente à noção de estilo preconizada por Labov (1972), Bell elege a intencionalidade do falante como ponto central no entendimento das produções estilísticas. O argumento de Bell (2002) é que a variação estilística pode ser explicada em função de uma resposta do falante ao seu interlocutor, mas também a terceiros pessoas, o que ele denomina como “audiência”. Ou seja, a atenção do falante em relação às escolhas/produções estilísticas volta-se fundamentalmente para outros falantes, ou um grupo de falantes que esteja ouvindo sua fala. Dessa forma, a teorização de Bell está calcada no falante, no círculo social em que este pode estar inserido e também na imagem mental que esse falante pode fazer de seus possíveis interlocutores ou audiência.

Diferentemente de Labov (1972) e Bell (2002), Irvine (2002) concebe a noção de estilo dentro de um arcabouço de inspiração sociológica, como parte integrante de um “sistema de distinções”, baseado nos trabalhos do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Sob essa perspectiva teórica, o estilo contrasta com outros estilos existentes, produzindo assim significados sociais, que, por sua vez, contrastam com outros significados sociais.

Nas palavras da Irvine:

O que quer que “estilos” sejam, na língua ou fora dela, eles são partes de um sistema de distinção, no qual um estilo contrasta com outros estilos possíveis, e o significado social sinalizado pelo estilo contrasta com outros significados sociais. Descrever as características de um estilo, examinando os traços que o identificam, e considerar vínculos entre tais traços é a função particular do estilo, e supor que a função baste para explicar a forma sem referencia ao sistema [...]. As características de um determinado estilo não podem ser explicadas independentemente uma das outras. Ao contrário, deve-se atentar para as relações entre os estilos – para seus contrastes, suas fronteiras e suas generalidades (IRVINE, 2002, p.23)¹¹.

Outro ponto importante na argumentação da autora refere-se às relações entre os estilos, que são ideologicamente mediadas. Os traços estilísticos devem carregar um significado social que possa ser identificado, e, principalmente, passível de ser contrastado na relação entre falante e seu mundo social. Em relação à ambiguidade existente em torno de termos como registro, dialeto, variedade e estilo no campo da Sociolinguística, Irvine considera que os indivíduos manipulam tais recursos. Entretanto, afirma:

O estilo inclui isso, mas também inclui as maneiras mais sutis em que indivíduos navegam entre variedades disponíveis e tentam desempenhar uma representação coerente de um *eu* distinto – um *eu* que pode ser, por sua vez, subdivisível em um sistema diferenciado de aspectos do *eu*. Talvez haja outra diferença: enquanto dialeto e registro – ao menos como a sociolinguística ordinariamente os identifica – apontam fenômenos linguísticos apenas, estilo envolve princípios de distinção que podem se estender além do sistema linguístico para outros aspectos do comportamento que são organizados semioticamente (IRVINE, 2002, p.27 – grifos da autora).

A autora postula que a questão do estilo não se configura somente como um elemento linguístico ou social, mas, principalmente, como um fator da construção de um *eu*, uma imagem que o falante quer fazer de si diante dos seus interlocutores. É neste ponto que percebemos a aproximação da conceituação da autora sobre a noção de estilo com a noção de ethos.

O ethos diz respeito à possibilidade de reflexão do sujeito sobre sua adesão “a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU, 2005, p.69). Em outras palavras, o falante faz escolhas discursivo-lexicais que constituem um ethos que pretende exhibir a seu interlocutor. É como uma imagem de si que o falante procura construir em dada situação, ou cenografia, para

¹¹ Os créditos da tradução do trabalho de Irvine (2002) são todos de Angélica Penna, Marco Machado e Thiago Bolivar.

utilizarmos o termo definido por Maingueneau, a qual é dotada de referências culturais e sociais previamente estabelecidas, como afirma Amossy (2005, p.125):

a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas.

Outro ponto importante da argumentação de Irvine, que particularmente torna-se muito pertinente ao objetivo deste trabalho, é a afirmação de que o estilo envolve princípios que vão além do sistema linguístico, como os recursos semióticos. A distintividade entre os estilos é o cerne da teorização de Irvine. Em outras palavras, só podemos conceber um estilo se pudermos contrastá-lo com outro estilo existente dentro de uma estrutura social, como por exemplo, um grupo. Diante disto, neste trabalho iremos contrastar as escolhas lexicais do sujeito afásico analisado com o estilo linguístico de outros integrantes do grupo, observando como esse sujeito constrói uma imagem de si, um ethos que visa distingui-lo dos demais integrantes de seu grupo, constituindo um estilo de distinção.

O Centro de Convivência de Afásicos

Fruto de uma ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas e o Departamento de Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem, ambos da Unicamp, o Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA) surgiu em 1990 com o intuito de “desmedicalizar” os tipos de intervenções terapêuticas e clínicas que eram então oferecidas aos sujeitos afásicos, proporcionando a eles uma abordagem diferente dos moldes tradicionais. Nas palavras de Morato, o objetivo do CCA é o de:

desmedicalizar o entendimento das afasias, de abrir possibilidades de estudos neurolinguísticos num contexto de práticas efetivas com a linguagem, além de estabelecer um espaço de reflexão entre pesquisadores, afásicos e seus familiares em torno dos impactos psico-sociais da afasia (MORATO, 2005, p.245).

O CCA foi concebido como um espaço de interação para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre sujeitos afásicos e não-afásicos de forma a contribuir para o maior entendimento da condição de afásico e oferecer alternativas para a reintegração

social pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência no qual estão inseridos pesquisadores, alunos de pós-graduação que se empenham em pesquisas sobre a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro, cognição. Os sujeitos afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de assistência clínica necessária. Os sujeitos não-afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (MORATO *et al*, 2002).

As afasias, *grosso modo*, são sequelas na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), um traumatismo crânio-encefálico ou um tumor cerebral. O que essas sequelas acarretam ao indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem. As dificuldades afetam a linguagem em seus vários níveis: no nível fono-articulatório (a dificuldade de articular e produzir sons), no nível sintático (a dificuldade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente aceitáveis”); no nível lexical (dificuldade de acesso às palavras) e no nível semântico (dificuldades de produção e interpretação do sentido dos enunciados). Morato (2001) exemplifica as dificuldades que os diferentes tipos de afasia acarretam:

Do ponto de vista linguístico (língua oral e escrita), podem-lhe faltar as palavras de maneira importante (anomias, dificuldades de selecionar ou evocar palavras), o que resulta muitas vezes em substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou de partes delas (são as parafasias que têm diversas naturezas: fonético-fonológicas, semânticas, morfológicas), longas pausas ou hesitações, muitas vezes seguidas de desalento, abandono do turno da fala ou do tópico conversacional, bem como a perda do “fio da meada”; pode também acontecer de sua fala resultar muito laboriosa (alterações apráxicas, fono-articulatórias) ou ter um aspecto “telegráfico”, em função de dificuldades de ordem sintática (como o agramatismo) ou semântico-lexical (como as dificuldades de encontrar as palavras) (*Op.cit.*, p.155; grifos da autora).

Os dados desse trabalho foram selecionados e organizados a partir do acervo do banco de dados do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação: estudo de práticas linguístico-interacionais no contexto patológico”, que, atualmente, desenvolve diferentes projetos voltados para as questões de linguagem, cognição e interação. O acervo desse banco de dados é constituído por gravações em meio audiovisual dos encontros do CCA, que englobam as atividades de Programa de Expressão Teatral e do Programa de Linguagem. Desde 2002, este banco de dados vem sendo organizado pela equipe de pesquisa coordenada

pela Profa. Dra. Edwiges Morato, e, atualmente, o acervo passa por um processo de digitalização e armazenamento, que visa à sua disponibilidade em meios virtuais.

A seguir, faremos uma descrição do perfil dos participantes afásicos e não-afásicos, como também uma descrição, a partir da observação das interações ocorridas no CCA, do estilo de fala de um indivíduo em relação aos demais. Neste trabalho, analisaremos os traços estilísticos de nível lexical e de construção de ethos do sujeito MS em comparação com o estilo linguístico dos demais participante.

O sujeito MS

MS é um senhor brasileiro, destro, 61 anos, divorciado, professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou em profissões relacionadas ao uso profissional da linguagem. MS frequenta cinemas, teatros e apresentações musicais e viaja com frequência, inclusive para o exterior. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Nas reuniões do CCA, sempre se mostra atuante nas discussões de temas noticiados pela mídia e sempre faz comentários sobre livros e filmes.

A participação de MS nas atividades ocorre de forma muito descontraída. Ele é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento de algum tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS é autor de um “bordão” (“ma-ra-vilha”) já bastante utilizado pelos demais integrantes para expressar ênfase ou concordância em determinadas situações. Demonstra ter bastante familiaridade com os sujeitos do grupo, apesar de contar com menos tempo de permanência no grupo; integra o CCA desde 2004. A principal característica de sua fala são as realizações de plurais nos sintagmas verbais e nominais, domínio das maneiras formais de tratamento pessoal e a opção por escolhas lexicais que tem sempre a intenção de provocar momentos de humor ou ironia.

Os outros integrantes do CCA

Em relação ao estilo linguístico dos integrantes do CCA, algumas generalizações podem ser feitas. A principal delas é que durante as reuniões do grupo as pesquisadoras têm um estilo de fala bastante informal, o que pode ser considerado algo muito próximo da norma

culta informal (apesar das controvérsias existentes a respeito desse termo no campo da Sociolinguística). O estilo da fala dos participantes afásicos já é caracterizado por uma certa heterogeneidade, o que se deve a fatores sociais, entre eles: escolaridade, histórico de vida profissional, idade e nacionalidade. Apesar de haver essa gama de fatores, de uma forma geral, a fala dos sujeitos afásicos é informal, com escolhas lexicais próprias de uma fala coloquial.

MG é uma senhora brasileira, destra, solteira. Antes de ser acometida pelo AVC, tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que resultou em uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia¹² à direita e apraxia oro-facial

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental. Em 1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado neste hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita.

EM é professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas Unicamp. Possui graduação em Linguística pela Unicamp e em Fonoaudiologia, pela PUC Campinas. Seu mestrado e doutorado foram realizados na Unicamp na área da Neurolinguística. Atualmente, orienta pesquisas nesta área e estudos que envolvem as relações entre linguagem e cognição, atuando principalmente com os seguintes temas: afasia, memória, neurodegenerescência, significação, interação, referenciação e metalinguagem.

HM é fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela PUC-SP e doutora pela Unicamp na área de Neurolinguística. Em seu doutorado, foi orientada por EM e abordou os processos de refacção textual na linguagem escrita dos sujeitos afásicos. Atualmente, realiza seu estágio de pós-doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem na área de Neurolinguística.

JC é atriz, com formação em artes cênicas pela Unicamp. Desenvolveu sua pesquisa de iniciação científica sobre as semioses ocorrentes no trabalho de expressão teatral com afásicos, sob orientação de EM.

O estilo como distintividade

A análise que desenvolveremos a seguir tem como objetivo evidenciar traços estilísticos que demonstrem uma certa diferença entre o estilo de fala de MS e dos demais integrantes do CCA. Para tal tarefa, elegemos traços do nível lexical, em função de sua proeminência nos dados e por ser o nível linguístico mais visível na identificação do estilo de fala. Desta forma, procuraremos estabelecer paralelos entre as escolhas lexicais de MS e os outros do grupo. O critério que norteará tal procedimento será o de eleger os itens lexicais que sejam semanticamente equivalentes na interação, isto é, que façam parte de um tópico discursivo em comum e que produzam sentidos na situação interativa.

Ocorrências:¹³

O contexto do fragmento da interação apresentado a seguir consistia na preparação de uma confraternização de final de ano na casa de uma das pesquisadoras. Nesta ocasião, os integrantes combinavam quais seriam os ingredientes do churrasco que cada um deles levaria para a confraternização. Nesse episódio, MS faz uma escolha lexical muito distinta, o que é prontamente reconhecida pelos demais integrante:

(1)

EM: ela falou...mas ela vai no nosso como posso dizer...no churrasco
MG: ela gosta?
MS: com **ve** convescote
EM: o nosso é com (convescote) põe lá
EM: meu Deus não é churrasco é com (convescote)
JC: ((se aproxima de MS)) S gastou hein
MS: maravilha ((risos))

Em outro momento, neste mesmo episódio interativo, é possível também perceber um traço de formalidade na fala de MS em relação à fala de NS:

(2)

EM: o que é um bom (convescote) você que usou a palavra
MS: cua convescote é
NS: chops

¹² Perda da força muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (RAPP, 2001).

¹³ Apenas para garantir a melhor visualização e compreensão dos dados, optaremos por colocar em negrito as iniciais do sujeito MS.

MS: hum...isso isso com comes e bebes

NS: então convescote do CCA em Piracicaba...o dia todo comeno e bebeno?

Em outro encontro do grupo, cujo tópico conversacional versava sobre a aquisição de um automóvel por uma das integrantes do grupo, é possível perceber outra escolha lexical distinta de MS:

(3)

HM: tá de carro aí hoje de novo... o carro tá inteiro? tá pegando (na tática) ((risos, MG gesticula os braços em sinal de concordância))...ótimo consegui pegar seu sobrinho na semana passada?

MG: a::: (2s) e::ssa no último sa

JC: [[essa foto é linda... pode tirar ... essa foto é maravilhosa:::]]

HM: ah mas deu certo

MS: aí foi....a foto ficou documental ((risos))

NS: nossa ficou muito bonita né

As escolhas lexicais de MS nesses fragmentos de interação do grupo demonstram uma tendência em utilizar itens lexicais que são típicos de uma variedade formal ou culta da linguagem, o que na realidade configura-se como um traço de distintividade de MS no grupo. Porém, tais escolhas lexicais não são vistas pejorativamente pelos demais integrantes. Pelo contrário, este recurso causa, na maioria das vezes, um certo efeito de humor e ironia, o que justamente evidencia a diferença estilística de MS, e, conseqüentemente culmina na construção de uma imagem de MS como um sujeito intelectualizado e bem humorado.

Ainda no terceiro fragmento, MS parafraseia o elogio que a pesquisadora JC fez sobre as fotografias que estavam sendo vistas pelo grupo. MS usa o adjetivo “documental”, como equivalente à adjetivação feita pela pesquisadora. Mais uma vez, a escolha lexical de MS revela sua intencionalidade em manter sua distintividade estilística e de sua *persona* perante o grupo. Dessa forma:

Os contrastes linguísticos que diferenciam os estilos não são arbitrários, ao contrário, são motivados por uma ideologia de língua que contrasta o lacônico e o austero com o impulsivo e elaborado, e que concebe essas qualidades como derivadas de supostas diferenças de temperamento de seus falantes (IRVINE, 2002, p.32).

É possível perceber que os traços lexicais exibidos por MS na realidade derivam de uma ideologia da língua, que no contexto do português brasileiro (mas também em outras línguas) favorece o uso de variedades formais e as que são consideradas cultas, detentoras de prestígio social, ou seja, uma evidência da ligação entre as diferenças linguísticas e os

significados sociais. Uma explicação para tais escolhas de MS pode estar relacionada ao fato de que ele exerceu atividades profissionais ligadas ao uso da linguagem que demandavam o domínio da norma culta e de registros formais. Assim, “as formas de distintividade linguística, têm uma consistência que deriva em um certo grau de ideologias locais da língua – princípios de distintividade que ligam diferenças linguísticas a significados sociais” (IRVINE, 2002, p.31).

Para elucidar as distinções das escolhas lexicais de MS, segue a baixo um quadro que contrasta as escolhas de MS e dos demais integrantes, respeitando sempre a equivalência de sentido nos trechos de interações transcritos acima:

MS	convescote	MS	comes e bebes	MS	documental
EM	churrasco	EM	comeno e bebeno	JC	linda/maravilhosa

Um estudo do ethos

A observação dos dados e algumas escolhas lexicais de MS e dos demais integrantes do CCA, permite-nos realizar algumas considerações sobre como esse indivíduo, embora afásico, procura estabelecer uma imagem de si para seus interlocutores. É possível que o falante MS expresse-se, às vezes, utilizando sintagmas nominais e verbais curtos, em várias ocasiões com uma única palavra, ou a repetição de mesma escolha lexical, fato que se deve ao grau de sua afasia. Entretanto, em outras situações ele recorre a escolhas lexicais que remetem às formas rebuscadas de fala. Parece que esse recurso utilizado pelo falante MS é uma tentativa de constituição de um ethos para os demais integrantes do grupo, realizada, basicamente, por meio de escolhas lexicais incomuns quando comparadas ao estilo, de uma forma geral, dos outros integrantes do grupo.

No fragmento transcrito abaixo, o tópico era sobre os procedimentos terapêuticos no tratamento da afasia, assim como também tratamentos alternativos que pudessem acarretar melhoria na qualidade de vida do sujeito afásico.

(4)

MS: MARAVILHA... MARAVILHA

-----→ ((cumprimenta JC com um aperto de mão))

JC: quantos porcentos da verba pública é destinada à saúde?

TV: olha... ãh

Na ocorrência (4), MS instaura o bordão “maravilha”, que será adotado por outros integrantes do grupo, como veremos mais à frente. Embora pareça um item lexical não relacionado a registros formais, podemos reconhecer que não é tão corriqueiro para uma pessoa cuja linguagem fora acometida pela afasia, realizar escolhas lexicais que demandem a articulação fonológica de palavras que exigem determinados encontros consonantais.

A cena genérica, conforme definida por Maingueneau (2005), está associada a uma situação discursiva. Todas as interações de MS com o grupo, apresentadas neste trabalho, constituem a mesma cena genérica. Porém, suas interações não são sempre formuladas da mesma maneira, apresentando assim diferentes cenografias, estas definidas pelo próprio contexto interativo. Às vezes, podemos observar que MS é responsável pela determinação dessa cenografia, formulada em tom professoral, como conhecedor de um linguajar culto.

Interessantemente, os demais participantes do grupo acatam essa imagem de MS, conferindo-lhe este caráter intelectual, pois aderem às suas escolhas, inclusive utilizando-as como nas ocorrências (1) e (2), repetidas como (5), quando MS prefere referir-se a um churrasco que está sendo organizado pela palavra “convescote”, proferida por ele mesmo após alguma dificuldade de articulação fonológica.

(5)

EM: ela falou...mas ela vai no nosso como posso dizer...no churrasco

MG: ela gosta?

MS: com ve convescote

EM: o nosso é com (convescote) põe lá

EM: meu Deus não é churrasco é com (convescote)

JC: ((se aproxima de MS)) S gastou hein

MS: maravilha ((risos))

MN: o que é um con-vescote dona N?

JC: gastou nossa ela gastou muito

EM: o que é um bom (convescote) você que usou a palavra

MS: cua convescote é

NS: chops

MS: hum...isso isso com comes e bebes

NS: então convescote do CCA em Piracicaba...o dia todo comeno e bebeno?

Observamos nessa ocorrência exemplar que a pesquisadora EM usa o termo “convescote”, para estabelecer um fluxo conversacional entre MS e os demais integrantes do grupo. Podemos perceber o esforço de MS para enunciar esse item lexical, que possivelmente não faz parte do léxico diário da maioria das pessoas que integram esse grupo. Trata-se de uma palavra bastante rebuscada e pouco utilizada nos dias atuais. No entanto, em função do fato de que MS foi professor de língua portuguesa e jornalista, fica evidente seu conhecimento de um léxico mais amplo, principalmente devido às suas produções escritas para jornais.

Parece que MS faz escolhas lexicais como essa para demonstrar seu conhecimento, sua *competência pragmática*, que procura de alguma forma recuperar traços de sua personalidade, seu histórico profissional, que eram latentes antes de seu evento neurológico. Esse movimento interativo de MS é aceito pelo grupo, que inclusive utiliza-se das escolhas lexicais de MS de forma irônica e bem humorada. Como podemos notar na ocorrência (6), quando toma parte na interação, a pesquisadora RN que não estava presente no momento em que MS utiliza novamente a palavra “convescote”:

(7)

RN: aí falta carne já pensou
EM: falta carne num churrasco...não é churrasco é convescote
RN: convescote
HM: essa foi uma palavra
RN: alguém sugeriu?
JC: o S¹⁴
RN: convescote é piquenique
JC: gastou agora todo o português ne.....gastou mesmo ((risos))

A pesquisadora é avisada por outra pesquisadora que não se trata de um churrasco, mas de um convescote, como fora selecionado por MS, ou seja, um dos traços do “conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem” (AMOSSY, 2005, p.126).

É na situação social em que MS está inserido e devido às suas características de personalidade que podemos postular que há a construção de um ethos que se projeta para o grupo ao qual pertence nos dados analisados. Podemos observar a aceitação do grupo na ocorrência em (8). Os outros integrantes do grupo, após a indagação sobre a frequência do uso do bordão e de seu significado, passam a utilizá-lo.

(9)

MS: maravilha maravilha
JM: maravilha... porque porque você conhece maravilha... não
MS: é... é... maravilha
JM: só... antes você nao falava lá...
MS: muito... o:::: ma-ra-vi-lha
HM: antes ele quer saber se você falava muito maravilha
MS: não
HM: é de agora
JM: antes você não falava?
NS: maravilha
EM: o que que é maravilha?
NS: é uma coisa boa né?
MS: isso... i-ssó

¹⁴ S neste caso é a forma como o grupo trata MS

-----→ ((aponta para NS))
HM: maravilha é bom
NS: então mara-vilha ((risos))

Os dados demonstram que não é possível dissociar ethos de sua significação social, uma vez que a imagem que o falante tenta projetar de si está intrinsecamente relacionada com sua função social, ou ao menos há uma tentativa de se estabelecer tal relação. Quando analisamos algumas escolhas lexicais da fala de MS, um indivíduo afásico cuja capacidade comunicativa foi sensivelmente afetada e por consequência apresenta uma dificuldade significativa na comunicação verbal, fica evidente a emergência de um ethos no contexto interativo e social do CCA.

Os traços estilísticos na fala de MS (expressos por alguma de suas escolhas lexicais) são elementos para a distinção dele dos demais participantes do grupo. Em outras palavras, o estilo de fala de MS é uma tentativa de apresentar um ethos socialmente prestigiado, tanto no que diz respeito a um ethos discursivo, construído principalmente na interação social, quanto a ethos institucional, a demarcação de uma posição institucional pelo enunciador.

Considerações Finais

Podemos constatar nos dados analisados os traços estilísticos proeminentes da fala de MS, que são distintos das escolhas lexicais dos demais integrantes do CCA. Mesmo que ainda nossos dados e análises estejam centrados em um único nível linguístico, torna-se evidente que o léxico empregado por MS promove uma distinção do seu papel dentro de um grupo social, como é o CCA. Em outras palavras, o estilo de fala de MS é reconhecido pelo grupo como um tipo de fala que prima pela formalidade, descontração e intelectualidade.

A distinção provocada pelos traços estilísticos, que neste trabalho ficou restrito à seleção lexical, ocasiona a construção de um ethos, uma imagem que MS quer projetar de si mesmo perante o grupo, durante as diversas intervenções realizadas por ele num contexto situado socialmente, o que Maingueneau (2005) denomina “situação discursiva”. O processo de construção do ethos de MS vai ao encontro justamente com as características de seus traços estilísticos que apontamos, ou seja, MS pretende agir e ser reconhecido no grupo como sujeito intelectualizado, formal e bem humorado. Em outras palavras: o “sujeito boa praça”. É em função dessas observações, ainda que preliminares, que postulamos uma relação evidente entre traços de estilos de fala e a construção de um ethos.

Um aspecto bastante interessante, que vale a pena ser salientado diz respeito à atuação de MS tanto no que tange ao seu estilo de fala quanto à construção de seu ethos. Os dados além de revelarem a relação entre o estilo de fala e a construção de um ethos, também demonstram que traços de personalidade, de conhecimento de regras sociais e pragmáticas não são apagados pela afasia.

Os dados nos permitem repensar a produção linguística de um afásico a partir de um deslocamento que contribui para a dissolução de algumas dicotomias (linguagem-cognição, conhecimento-*performance*, língua-discurso, indivíduo-sociedade). Dicotomias que são tão presentes no campo de estudos linguísticos. Os fragmentos conversacionais analisados possibilitam observar o uso da linguagem afásica a partir do exercício de diferentes modalidades de capacidades que entram em jogo nas práticas em que o sujeito se insere, inclusive nos processos de exibição e produção de um ethos. Isso quer dizer que a linguagem do afásico, vista por esse viés, se configura como um saber em uso, que conjuga simultaneamente o caráter estratégico, plurifuncional, e interativo das várias competências relativas à linguagem, à cognição e ao comportamento social.

Referências

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Contexto: São Paulo, 2005.

BELL, A. Back in style: reworking audience design Allan Bell. In: Eckert, P.e Rickford, J. R. (Org) **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge, 2002.

BENTES, A. C. **Linguagem como prática social: a elaboração de estilos por rappers paulistas**. Relatório Pós-Doutorado (FAPESP, Processo 2005/03186-1), 2005.

IRVINE, J.T. 'Style' as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: Eckert, P.e Rickford, J. R. (Org.) **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge, 2002.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, Pennsylvania, 1972.

MAINGUENEAU, D. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Contexto: São Paulo, 2005.

MIRA, C.C.C.R. **O CCA como uma comunidade práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 2007.

MORATO, E. M. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)linguística à questão social. In: **Direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2000.

_____. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *et alli*. **Sobre as afasias e os afásicos**: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Ed. Unicamp, Campinas, 2002.

_____. *et alli*. **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)**. Relatório Processo FAPESP 03/02604-9. Depto de Linguística – IEL/UNICAMP, Campinas, 2005.

NOVAES-PINTO, R.C. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias de análise clínicas**. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 1999.

RAPP, B. **The Handbook of Cognitive Neuropsychology: what deficits reveal about the human mind**. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

Anexo

Sistema de notação

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(3s)	MS: ã:::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a sequência temática da	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho...

exposição		eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa (<i>indica que duas conversas ocorrem simultaneamente</i>)
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----→* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato *et alli*, 2005.